

A configuração discursiva do gênero parábola bíblica: entre a captação e a parafraseagem

João Batista Costa Gonçalves (UECE)

RESUMO: Este artigo, vinculado à área da Análise de Discurso francesa, tem por finalidade examinar a feição discursiva do gênero parábola bíblica sob dois aspectos: o da captação genérica e o da parafraseagem. Valho-me para isso das ideias de Dominique Maingueneau como uma das principais balizas teóricas. A metodologia consistirá em uma pesquisa eminentemente de caráter bibliográfico seguido da análise de algumas parábolas extraídas do Novo Testamento. Mostro, ao final, que estes dois expedientes discursivos, que cooperam na formação da identidade discursiva do gênero discutido, ajudam a construir a imagem de autoridade e de benevolência do narrador destas historietas bíblicas.

Palavras-chave: Análise do discurso francesa; captação; parafraseagem; *ethos*; parábola bíblica.

Introdução

Compete a este artigo destacar na configuração da parábola bíblica duas das suas dimensões discursivas: a de sua caracterização como gênero captador e a de seu aspecto de metadiscorso parafrástico. Estes dois aspectos, a título de organização, servirão exatamente para seccionarmos este artigo em dois tópicos, nos quais empreenderemos, além de uma discussão teórica acerca do conceito de captação e de metadiscursividade parafrástica, um exame analítico, a partir destes conceitos, de um gênero tão cultivado por Jesus nos seus sermões, a parábola.

Antes de seguirmos adiante, comecemos, então, com o conceito do termo “parábola” pela sua origem etimológica para chegarmos a sua acepção no contexto bíblico. A palavra é grega, vinda de *parabolé* que, por sua vez, pode ser desdobrada em duas outras palavras, *para*, com o significado de “ao lado de”, e *bolé*, entendida, entre os gregos, como uma medida de distância correspondente a um tiro de pedra, como a que aparece no Evangelho de Lucas “E apartou-se deles **cerca de um tiro de pedra**; e pondo-se de joelhos, orava” (Lc.22:41). O termo *bolé*, por sua vez, procede de *ballo*, cujo significado remete para os sentidos de lançar, jogar, arremessar. Dessa formação, a palavra “parábola” ganhou o sentido, portanto, de “lançamento ao lado”, “arremesso ao lado”, ou seja, uma “aproximação”, uma “comparação”. Por extensão de sentido, a conjugação destes termos dá à parábola a acepção

bíblica de uma narrativa em que se comparam simbolicamente realidades postas lado a lado com o fito de trazer uma lição de moral aos interlocutores.

1. A parábola como gênero discursivo captador

Para Maingueneau (2001), a captação discursiva acontece quando um texto imita um outro texto ou um gênero discursivo imita um outro gênero, tomando a mesma direção do objeto captado. Além disso, é revelador, para o gênero que pretendemos analisar neste artigo, como o autor exemplifica o fenômeno da captação logo após conceituar o termo: “a captação consiste em transferir para o discurso reinvestidor a autoridade relacionada ao texto ou ao gênero fonte: o pregador cristão que imita uma parábola evangélica ou o gênero parábola [...]” (in CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004; cf. verbete *captação*).

A partir disso, proporemos duas formas de captação discursiva para analisar de que maneira a parábola bíblica, sobretudo a contada por Jesus nos Evangelhos, investe discursivamente em outros gêneros que a antecederam. Denominaremos estas formas de heterogenérica e de homogenérica. Pela forma heterogenérica, a captação se dá quando um gênero retoma outro diferente (a parábola capta a fábula ou o provérbio); já pela forma homogenérica, a captação ocorre quando um gênero (ou mesmo um texto) resgata um semelhante, mas singularizando-o em termos conteudísticos, estilísticos e formais, para tomarmos de empréstimo as categorias bakhtinianas na caracterização dos gêneros do discurso (a parábola tal como contada no Novo Testamento assimila e imita o mesmo gênero como era utilizado no período do Velho Testamento, mas dando-lhes contornos específicos).¹

Assim, dizendo melhor, no primeiro caso, a parábola imita um outro gênero que é diferente dele - ainda que, no caso, guarde com este gênero grandes afinidades (o aspecto alegórico, a brevidade, a orientação moral) - e que também lhe é anterior cronologicamente, no caso do gênero fábula, gênero que já encontramos no capítulo nove do livro bíblico de *Juízes* no Velho Testamento (“Foram uma vez as árvores a ungir o rei; e disseram à oliveira: Reina tu sobre nós. Porém a oliveira lhes disse: deixaria eu a minha gordura, que Deus os homens em mim prezam, e iria labutar as árvores? Então disseram às árvores as figueiras: Vem tu, e reina sobre nós [...]. (Jz.9:8-10)) e talvez até mesmo do gênero provérbio, (“Então um homem dali respondeu, e disse: Pois quem é o pai deles? Pelo que se tornou em provérbio: Está também Saul entre os profetas? ISm.10:12), na concepção hebraica do termo utilizado no Antigo Testamento (*mashal*).

Já no segundo caso, a parábola neotestamentária na forma como Jesus a empregou retoma a tradição discursiva do gênero tal como utilizado pelos profetas do Antigo Testamento, porém o seu principal enunciador no contexto bíblico do Novo Testamento, Jesus, deu a ele contornos muito próprios, a ponto de hoje se relacionar o gênero à sua autoria. É preciso dizer que é nesta forma homogenérica de captação em que nos deteremos com mais demora para analisar a parábola como gênero/texto captador.

A parábola é, assim, um gênero discursivo que Jesus captou da tradição vétero-testamentária dos profetas e dos rabinos judeus e nele reinvestiu para usá-lo como recurso estratégico na sua pregação e ensino. Na tradição dos profetas do Velho Testamento, por exemplo, temos algumas parábolas, como a da ovelha/vaca e o pobre, que foi narrada pelo profeta Natã para repreender Davi, no segundo livro do profeta Samuel, no capítulo 12, a qual transcreveremos a seguir junto com o contexto que lhe sucede:

¹ Em ambos os casos, o processo de assimilação do gênero, seja de um gênero diferente ou um similar, gera determinados efeitos de sentido conforme as condições de produção/recepção/circulação em que foi utilizado.

“O Senhor, pois, enviou Natã a Davi. E, entrando ele a ter com Davi, disse-lhe: **Havia numa cidade dois homens, um rico e outro pobre. O rico tinha rebanhos e manadas em grande número; mas o pobre não tinha coisa alguma, senão uma pequena cordeira que comprara e criara; ela crescera em companhia dele e de seus filhos; do seu bocado comia, do seu copo bebia, e dormia em seu regaço; e ele a tinha como filha. Chegou um viajante à casa do rico; e este, não querendo tomar das suas ovelhas e do seu gado para guisar para o viajante que viera a ele, tomou a cordeira do pobre e a preparou para o seu hóspede.** Então a ira de Davi se acendeu em grande maneira contra aquele homem; e disse a Natã: Vive o Senhor, que digno de morte é o homem que fez isso. Pela cordeira restituirá o quádruplo, porque fez tal coisa, e não teve compaixão. Então disse Natã a Davi: Esse homem és tu! Assim diz o Senhor Deus de Israel: Eu te ungi rei sobre Israel, livre-te da mão de Saul, e te dei a casa de teu senhor, e as mulheres de teu senhor em teu seio; também te dei a casa de Israel e de Judá. E se isso fosse pouco, te acrescentaria outro tanto. Por que desprezaste a palavra do Senhor, fazendo o mal diante de seus olhos? A Urias, o heteu, mataste à espada, e a sua mulher tomaste para ser tua mulher; sim, a ele mataste com a espada dos amonitas”. [...]. (IISm.12:1-9).

Para ficarmos com outro exemplo, podemos ainda citar a parábola da contenda entre dois irmãos, que foi relatada por Joabe através da boca de uma mulher, também no segundo livro de Samuel, só que esta está registrada no capítulo 14, como segue abaixo:

“Percebendo Joabe, filho de Zeruia, que o coração do rei estava inclinado para Absalão, mandou a Tecoa trazer de lá uma mulher sagaz, e disse-lhe: Ora, finge que estás de nojo; põe vestidos de luto, não te unjas com óleo, e faze-te como uma mulher que há muitos dias chora algum morto; vai ter com o rei, e fala-lhe desta maneira. Então Joabe lhe pôs as palavras na boca. A mulher tecoíta, pois, indo ter com o rei e prostrando-se com o rosto em terra, fez-lhe uma reverência e disse: Salva-me, o rei. Ao que lhe perguntou o rei: Que tens? Respondeu ela: Na verdade eu sou viúva; morreu meu marido. **Tinha a tua serva dois filhos, os quais tiveram uma briga no campo e, não havendo quem os apartasse, um feriu ao outro, e o matou. E eis que toda a parentela se levantou contra a tua serva, dizendo: Dá-nos aquele que matou a seu irmão, para que o matemos pela vida de seu irmão, a quem ele matou, de modo que exterminemos também o herdeiro. Assim apagarão a brasa que me ficou, de sorte a não deixarem a meu marido nem nome, nem remanescente sobre a terra.** Então disse o rei à mulher: Vai para tua casa, e eu darei ordem a teu respeito. Respondeu a mulher tecoíta ao rei: A iniquidade, ó rei meu senhor, venha sobre mim e sobre a casa de meu pai; e fique inculpável o rei e o seu trono.” (IISm14:1-8).

Podemos perceber pelos dois exemplos acima que, no contexto do Antigo Testamento, a parábola, com muita frequência, vinculava-se ao ofício profético. Eram, desta forma, os profetas quem usavam mais frequentemente deste expediente para trazer suas mensagens a um homem específico ou ao povo de Israel de modo mais geral. Com isto, mostravam que a parábola era um meio pelo qual Deus procurava transmitir um ensinamento, uma orientação, ou mesmo uma advertência para o seu povo. Deste modo, vemos que Jesus não poderia deixar de se utilizar do expediente das parábolas na pregação do Evangelho, ligando-se, assim, a uma tradição discursiva do uso de narrativas alegóricas breves com um fundo pedagogizante.

Portanto, sendo o exercício profético um de seus ofícios, Cristo teria desta forma de, a exemplo dos profetas que lhe antecederam, também fazer uso deste método de pregação que era um método bem conhecido do povo israelita.

Jeremias (1986), entretanto, ao mostrar as diversas relações que o modelo de parábola bíblica tem com as parábolas rabínicas, faz-nos perceber que as parábolas contadas por Jesus podem ter cooperado para o desenvolvimento e estabelecimento do gênero literário das parábolas dos rabinos.

Ora, o uso contínuo que Jesus fez das parábolas se encontra em perfeita sintonia com o método de ensino ministrado ao povo no templo e na sinagoga, pois os escribas e os doutores da Lei faziam grande uso das parábolas e da linguagem figurada em geral, para ilustração dos seus discursos.

Podemos afirmar que tal fato corrobora, por outro lado, a dimensão dialógica dos gêneros, sustentada por Bakhtin (1997), o qual postula que, ao se expressar em determinado gênero, o enunciado será sempre uma resposta aos que antes vieram, suscitando-lhes respostas futuras.

Nessa direção, cabe assinalar que, pelas parábolas, ainda que Jesus recupere um gênero já utilizado pela tradição dos antigos profetas, entretanto é ele que imprime o tom e dá uma nova dimensão a esse gênero, ao mesmo tempo em que instaura e motiva novas respostas que constituíram, na transfusão perpétua dos gêneros, outras formas de apropriação dessa peça discursiva. Assim, ao captar o gênero, Jesus aciona, ao mesmo tempo, um movimento discursivo de adoção e outro de adaptação e inovação, conforme os propósitos estabelecidos e as condições de produção/recepção em que é usado.

É preciso dizer ainda que, mesmo que Jesus – e os evangelistas, que, conforme o relato bíblico, depois recontaram as parábolas narradas por seu mestre – não tenha(m) sido o(s) primeiro(s) a usar o gênero parábola, ele(s) têm, para usarmos as idéias de Bhatia (2001, p. 110), “o poder de usar, interpretar, explorar e inovar formas genéricas (que) é uma função do conhecimento genérico a que somente têm acesso os membros legitimados das comunidades disciplinares”.

A este propósito, Jesus impõe o *ethos* discursivo² da autoridade para fazer uso do gênero parábola e constitui-se num usuário legitimado para tal fim. Para isso faz uso de uma cena de fala validada. Vejamos a passagem em que se pode observar isto:

“Tudo isto disse Jesus por parábola à multidão, e nada lhe falava sem parábola, **para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta que disse:** Abrirei em parábola a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a fundação do mundo”. (Mt.13: 34, 35).

A passagem à que se refere o evangelista na passagem supracitada, a fim de legitimar o dizer de Jesus, é possivelmente a que se encontra no livro do Velho Testamento dos Salmos: “Abrirei a minha boca numa parábola; proporei enigmas da antiguidade” (Sl.77:2)

1. A parábola como metadiscorso parafrástico

O fenômeno da paráfrase é visto, em geral, como um recurso semântico em que uma unidade é transformada em outra com um sentido equivalente. Segundo esta visão, haveria uma relação binária entre o enunciado matriz e o enunciado parafrástico. Serrani (1997) se insurge contra essa forma de encarar a paráfrase e argumenta, ancorada em Fuchs, que a paráfrase não pode ser estudada como uma mera relação semântica de sinonímia–identidade ou de sinonímia-equivalência ou mesmo de não-sinonímia, em que se consideram essas relações estáveis e universais no bojo de uma determinada comunidade lingüística, passíveis de se estabelecer *a priori* e desvinculados da problemática do sujeito da linguagem, como fizeram os estudos da tradição lingüística.

A proposta de Serrani é, pois, de que se encare a paráfrase como funcionamento parafrástico das unidades lingüísticas do discurso numa perspectiva de ver esse processo - não

² Em termos gerais, entendemos a noção de *ethos* discursivo, conforme a postulação de Maingueneau (1997; 2001; 2005), como o modo de dizer do sujeito enunciativo que cria, a partir disso, uma imagem de si no decorrer da interação verbal. Para uma discussão mais ampla sobre a construção conceitual desta categoria na obra do teórico francês, consultar Gonçalves (2006). Se se quiser observar o potencial heurístico desta categoria em diferentes tipos de discursos, examinar a obra organizada por Motta e Salgado (2008).

elementos que gozem de estabilidade e validade universal – mas como o lugar de produção de sentido em que, por excelência, se instalam o mal-entendido e a disputa, não cabendo, por isso, qualquer consenso *a priori* entre os protagonistas da linguagem. Conforme assinala Serrani (1997, p. 47):

Para caracterizar quando há paráfrase entre duas ou mais unidades lingüísticas, passo a introduzir a noção de ressonância de significação. Entendo que há paráfrase quando podemos estabelecer entre as unidades envolvidas uma ressonância – interdiscursiva – de sentido. Ressonância porque para que haja paráfrase é produzida por meio de um efeito de vibração semântica mútua. A meu ver, a noção de ressonância permite incluir, na própria conceituação de paráfrase, o sujeito da linguagem, pois ela sempre ressoa para alguém, tanto na dimensão dos interlocutores empíricos projetados no discurso (projeção para o qual é fundamental o domínio das formações imaginárias) quanto para a dimensão do sujeito, no sentido foucaultiano do termo, ou seja, o do lugar de exercício da função enunciativa em uma função discursiva. Em se tratando de uma ressonância discursiva, fica compreendido o trabalho com uma concepção heterogênea da linguagem, pois, para definir como ressonância às unidades envolvidas, é fundamental que na descrição regrada de montagem discursiva, tal como propõe M. Pêcheux sejam postos em jogo discursos – outros - como espaços virtuais de leitura do enunciado ou seqüência descrita.

Orientando-se, em certa medida, por essa linha teórica, Maingueneau (1997) atribuiu um lugar privilegiado ao que denomina “parafrasagem” como uma operação metadiscursiva, na qual o enunciador exerce sua capacidade pelas “metapredicações de identificação”, como: “isto quer dizer”, “dito de outra forma”, “é preciso compreender por meio disso “isto equivale a admitir que” etc.³ Estas expressões, indicadoras de reformulações parafrásticas, servem para superar problemas através de, no discurso, tornar equivalentes duas unidades discursivas, cuja equivalência não é instituída pela língua. No entender de Maingueneau (1997, p. 96):

A parafrasagem aparece em AD como uma tentativa para controlar em pontos nevrálgicos a polissemia aberta pela língua e pelo interdiscurso. Fingindo dizer diferentemente “a mesma coisa” para restituir uma equivalência preexistente, a paráfrase abre, na realidade, o bem-estar que pretende absorver, ela define uma rede de desvios cuja figura desenha a identidade de uma formação discursiva.

Em vista disso, pode-se afirmar que as reformulações parafrásticas cumprem o propósito de o locutor monitorar o seu discurso na pretensão de tornar o enunciado mais claro e mais preciso e, com isso, assegurar a intercompreensão com o seu alocutário. Nessa direção, Parret (1998, p. 239) esclarece:

Parafrasear traz, além disso, sempre um benefício ao capital semântico da interação dialógica: a paráfrase constitui um enriquecimento de sentido e provoca a progressão do discurso em direção a um “telos” definido ou, pelo menos, aceito.⁴

³ A paráfrase estaria incluída, dentro da proposta de Genette (*apud* MAINGUENEAU, 1996, p. 27-8) que tratou a relação entre os textos sob o código do que cognominou de “transtextualidade” (“transcendência textual do texto”), na “metatextualidade, aparentada pelas diversas formas de comentários. Nessa perspectiva – é preciso assinalar – a intertextualidade não passa de mais um caso de “transtextualidade”. A intertextualidade suporia a co-presença de pelo menos dois textos (alusões, citações etc.), visivelmente relacionados.

⁴ A paráfrase como mecanismo textual tem grande importância para a coerência e coesão do texto haja vista que a estrutura de um texto depende também de um determinado “objeto” estar em constante retomada e reformulação nas seqüências textuais para significar. Ora, a paráfrase é motivada pela colocação de um objeto

Essa idéia tem apoio no pensamento de Fairclough (2001, p. 157), que é do parecer de que a paráfrase, enquanto metadiscorso, é uma forma peculiar de intertextualidade em que:

O metadiscorso implica que o(a) falante esteja situado acima ou fora de seu próprio discurso e esteja em uma posição de controlá-lo e manipulá-lo. Isso tem implicações interessantes para a relação entre discursos e identidade (subjetividade): parece ir contra a visão de que a identidade social de uma pessoa é uma questão de como ela está posicionada em tipos particulares de discurso.

Fairclough (*op. cit.*) também ressalta que o metadiscorso do locutor é comum em tipo de discurso em que é valorizada a posição de “eu” em posição de controle; é o caso do discurso parabólico, cujo propósito comunicativo é, pela força argumentativa, que lhe dá sustento, interferir sobre as representações e convicções do outro a partir da imagem que o enunciador quer criar de si.

Na enunciação parabólica, a paráfrase se mostra de várias formas. A começar pelo próprio gênero em si, pode-se afirmar que a parábola, enquanto forma de alegorização de uma realidade a ser desvelada, num processo de explicar o mundo e dele construir uma visão a partir de um procedimento simbólico, deve ser considerada uma reformulação parafrástica (paráfrase *lato sensu*).

Assim, visando criar um efeito de esclarecimento através de uma formulação mais justa, o enunciador Jesus parece dizer, ao enunciar pela parábola, “compreenda, com isso que eu vou narrar, o seguinte [...]”, “comparando esse algo com esse outro algo, entenda o seguinte” [...], ou ainda, “metaforicamente falando [...]”.

Percebe-se daí que a função metadiscursiva da parábola como gênero em si é levar a audiência a um conceito “mais elevado”, através de relações metafóricas, para que se diga de outra maneira a mesma coisa e *ipso facto* se faça entender a realidade circundante. O enunciador aí se revela com um caráter de benevolência, ao querer dar-se a conhecer para o seu interlocutor.

Outro tipo de metadiscorso parafrástico na enunciação parabólica ocorre quando, ao proferir algumas parábolas, como a Parábola do Semeador e a Parábola do Joio e do Trigo, Jesus, para ser entendido, interpreta essas parábolas para os seus discípulos, parafraseando-as (paráfrase *stricto sensu*).

Com essa atitude, pode-se observar que o enunciador assume a figura de um leitor-modelo. Nesse caso, o propósito do enunciador é transmitir as informações pautado no “dizendo de outro modo” e assim envolver o ouvinte, para que, dando a este a chave da interpretação, aceite as idéias expostas.⁵ Ao mesmo tempo, o texto das parábolas constrói um tipo de leitor chamado a participar de seus valores.

A título de exemplo deste tipo de recurso parafrástico, examinemos agora uma das parábolas narradas por Jesus aos seus ouvintes. Por ser uma das mais conhecidas, escolhemos a **Parábola do Semeador**, que pode ser encontrada nos três evangelhos sinóticos (“mesma

que deve ser retomado constantemente a fim de se salvar a coerência do texto. Consulte-se a este respeito Parret (1998) e Antunes (1996).

⁵ Poderíamos ir mais além e afirmar, apoiando-nos na idéia de que na paráfrase há ressonâncias de significação em torno de modos de dizer dentro de um esquema interdiscursivo de repetibilidade, que o conjunto de todas as parábolas narradas por Jesus e recontadas por seus discípulos constituem-se em contínuas reformulações parafrásticas em que, pelo “efeito de vibração semântica mútua” (SERRANI, 1997, p. 47), uma parábola explica a outra na cadeia interdiscursiva, tornando legíveis determinados esquemas já interiorizados pelos interlocutores.

visão), a saber: o de Mateus (Mt.13:3-9), o de Marcos (Mc.4:-20) e, por fim, o de Lucas (Lc.8:4-15). Fiquemos com a versão relatada pelo evangelista Mateus, por figurar como a primeira que aparece nos Evangelhos:

Texto-matriz

E falar-lhes de muitas coisas por parábolas, dizendo: Eis que o semeador saiu a semear. E, Quando semeava, uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram aves e comeram-na. E outra parte caiu em pedregais, onde não haveria terra bastante, e logo nasceu, porque não tinha terra funda. Mas, vindo o sol, queimou-se, e secou-se, porque não tinha raiz. E outra caiu entre espinho, e os espinhos cresceram e sufocaram-na. E outra caiu em boa terra e deu fruto: um, a cem, outro, a sessenta, e outro, a trinta. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. (Mt. 13:3-9).

Texto-paráfrase

Escutai vós, pois, a parábola do semeador. Ouvindo alguém a palavra do reino, e não a entendendo, vem o maligno e arrebatou o que foi semeado no seu coração, este é o que foi semeado ao pé do caminho. Porém o que foi semeado em pedregais é o que ouve a palavra e logo a recebe com alegria, mas não tem raiz em si mesmo, antes, é de pouca duração, e chegada a angústia e perseguição por causa da palavra, logo ofende; e o que foi semeado entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo e a sedução das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera, mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve e compreende a palavra, e dá fruto, e produz cem, outro, sessenta; e outro trinta. (Mt. 13:18-23).

Através desse procedimento, o metadiscorso parabólico ocorre com o sentido de explicar o narrado para evitar interpretação equivocada ou para adiantar-se em relação a um possível equívoco de interpretação do co-enunciador. Podemos, a este propósito, pensar com Bourdieu (1999, p. 39), que, segundo ele próprio, baseou-se em Jean Bollack, e entender que é próprio do discurso alegórico a parafrase: “na alegoria, entendida como arte de pensar outra coisa com as mesmas palavras ou dizer de outra maneira as mesmas coisas (“dar um sentido mais puro às palavras da tribo.”).

Com esse metadiscorso, cria-se então um *ethos* para o co-enunciador de alguém que necessita de orientação para a compreensão do texto. Esse aspecto da parábola, senão lhe tira totalmente a sua faceta enigmática, pelo menos a reduz, já que, para alguns, Jesus faz questão apresentá-la com esse tom de alguém que quer mostrar-se transparente e inteligível.

Quanto ao *ethos* do enunciador, podemos nos valer das palavras de Maingueneau (1997, p. 97) e dizer que, com este tipo de reformulação parafrástica, acontece o seguinte:

Remetendo ao código lingüístico e/ou saber que ela presume, a paráfrase coloca aquele que a ela recorre em posição de enunciador “autorizado”, capaz de dominar os signos. Enquanto o enunciador comum contenta-se em dizer, aquele que pode lembrar o que as palavras significam e retornar ao fundamento se apresenta como o que tem acesso, ultrapassando as armadilhas e as imperfeições da linguagem, a este lugar onde o discurso reencontraria a própria coisa.

Ademais, é preciso, diante disso, salientar que, nesse tipo de posições metadiscursivas, podemos evidenciar que o próprio texto já começou ele mesmo a se comentar, no próprio instante em que se formulava, ao mesmo tempo em que essas posições individualizam a ação do sujeito no discurso, marcando por esses gestos a singularidade do seu dizer.

Um outro fenômeno discursivo que pode estar incluído entre os casos de reformulações metadiscursivas é o recontar das narrativas parabólicas pelos evangelistas. O recontar, de fato, é uma tarefa de parafraseagem do já dito. Segundo Gomes-Santos (2003, p. 64), recontar já parece pressupor o contar, o que indica uma relação intertextual necessária, embora nem sempre suficientemente mostrada na materialidade dos textos produzidos.

Nesse exercício de recontar, os evangelistas acabam por pretender revelar um certo *ethos* de neutralidade frente ao discurso reformulado, ao tentarem recontar as histórias de Jesus tais como foram contadas. Talvez foi refletindo em casos como estes que Sant'Anna (2001, p. 29) definiu a paráfrase como: “Um discurso sem voz, pois está falando o que o outro já disse. É uma máscara que se identifica totalmente com a voz que fala atrás de si”.

Podemos dizer, então, que a parafraseagem propicia um movimento intertextual em que o texto derivado imita o *ethos* do texto derivante, ao contrário do que acontece com a paródia em que o *ethos* do texto-fonte, num processo de imitação subversiva, cria, frente a esse texto, uma espécie de anti-*ethos*, havendo assim, uma voz distinta da inscrita pelo locutor da enunciação primeira. Para Sant'Anna (*op. cit.*, p. 29): “a paráfrase faz o jogo celestial, e a paródia faz o jogo demoníaco. O angelical é a unidade, o demoníaco a divisão”. Se a paráfrase reproduz a identidade do outro, a paródia cria uma relação conflitual com a identidade do texto com qual se relaciona intertextualmente.

Mas, contrariamente ao que pensa Sant'Anna, o que na reformulação parafrástica pode parecer apenas um inocente objetivo de alcançar uma formulação discursiva mais justa e mais adequada ao já dito, pode ser um posicionamento ideológico do enunciador.

Para Maingueneau (1997), por exemplo, não existe parafraseagem discursivamente neutra, já que, como fato discursivo, a parafraseagem implica sempre uma orientação argumentativa. Dessa maneira, o reconto dos evangelistas acaba criando “um efeito ideológico de continuidade de um pensamento e de fé”, aproveitando para nossa análise o que afirma Sant'Anna (*op. cit.*, p. 22) de quem podemos recuperar a continuidade do pensamento, relevante para o tipo de discurso que estamos investigando e dizer:

Esse lado pragmático da paráfrase no séc. 18 pode ser ilustrado por uma obra intitulada: traduções e paráfrases em versos de várias passagens das Sagradas Escrituras colecionadas e preparadas por um comitê da assembléia-geral da Igreja da Escócia (1745-1781). Igualmente há algumas edições da Bíblia, até em português, onde o texto sagrado é parafraseado para uma linguagem mais atual. Pode-se assim considerar que onde a ciência usa a paráfrase como um passo formal para classificar afirmações e fórmulas, a religião e a arte a usam como modo de transmitir valores ou manter a vigência ideológica de uma linguagem.

Como vimos, é próprio do gênero parábola a presença de uma “moral da história”. Essa moral pode também funcionar como mais uma possibilidade de uma operação parafrástica na enunciação parabólica, na medida em que, como afirma Maingueneau (1996, p. 195): “A moral pode ser lida como um indicador destinado a provocar uma leitura em termos de espelho qualificador”.

A lição de moral tem, assim, uma dimensão metadiscursiva porque por meio dela pode-se compreender a maneira como o narrador interpreta e pretende que os seus interlocutores interpretem os fatos trazidos pela narrativa. Noutros termos, a moral na parábola traz uma orientação de leitura e, com efeito, dá à parábola um tom didático, daí o seu aspecto eminentemente parafrástico.⁶

⁶ Segundo Maingueneau (1996, p. 19): “o trabalho de antecipação, o recurso a estratégias sutis destinadas a controlar, a condicionar o processo interpretativo não são uma dimensão necessária, mas constitutiva do discurso”.

É, pois, em razão disso, que a reformulação parafrástica através da moral da narrativa funciona como uma estratégia discursiva de forçar o interlocutor a sair da ambivalência e, desta forma, oferecer uma leitura do que está dizendo, criando, conseqüentemente, uma coerção interpretativa para o espectador e uma função controladora da leitura para que o co-enunciador tenha acesso à legitimidade.

Enfim, essa diretividade do dizer forjado pela moral da história enquanto mecanismo parafrástico cumpre a finalidade daquilo que Parret (1997, p. 24) ressaltou sobre este tipo de operação metadiscursiva: “[...] dir-se-á que o parafraseamento faz apelo à faculdade de julgar do enunciador/enunciação”.

Conclusão

Ao longo deste artigo, propusemo-nos, com base nas ideias de Maingueneau (1996; 1997; 2001) - embora tenhamos, em vários momentos, nos apropriado também de perspectivas e premissas teóricas diferentes das preconizadas pelo teórico francês, a fim de enriquecer o debate e a análise - discutir dois conceitos importantes para o funcionamento discursivo do gênero parábola bíblica: o conceito de captação e o conceito de parafrasagem.

Desta nossa exposição, pensamos, portanto, ter conseguido mostrar a relevância destes conceitos como elementos discursivos importantes para marcar a identidade da parábola bíblica, observando-se os efeitos de sentido que daí decorrem, em especial, a construção de um sujeito com um *ethos* discursivo de autoridade e, ao mesmo tempo, um sujeito que investe na imagem de alguém benévolo.

Assim, pudemos compreender como esta configuração discursiva híbrida da parábola narrada por Jesus, tal como registrada nos Evangelhos do Novo Testamento bíblico, pode cooperar para dar simultaneamente a imagem da autoridade e a imagem da benevolência ao seu enunciador-narrador, imagens construídas e negociadas com os co-enunciadores (ouvintes) para quem elas se destinam.

ABSTRACT: This article, tied with the area of the French *Discourse Analysis*, aims to examine two discursiv aspects of the Biblical parable: the generic captation and the paraphrasage. I use myself for this of the ideas of Dominique Maingueneau as one of the main theoretical base. The methodology will consist eminently of a research of bibliographical character followed of the analysis of some extracted parable of the New Testament. I show, to the end, that these two discursiv expedients, that cooperate in the formation of the discursiv identity of the considered gender, they help to construct to the image of authority and benevolence of the Biblical narrator of these brief story.

Keywords: French Discours Analysis; captation; paraphrasage; *ethos*; Biblical parable.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BHATIA, V. K. *Análise de gêneros hoje*. In: *Revista de Letras*. Fortaleza: editora da UFC, 2001, n° 23, vol. 1/2. p.112-115.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ANTUNES, I. C. *Aspectos da Coesão do Texto: uma análise em editoriais jornalísticos*. Recife: Ed. da Universidade Federal de Pernambuco, 1996.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança social*. Brasília: Ed. da UNB, 2001.

GOMES-SANTOS, S. N. *Recontando História na Escola* (gêneros discursivos e produção escrita). São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GONÇALVES, J. B. C. G. *Poder e afeto nas narrativas bíblicas: uma análise da construção do ethos discursivo nas parábolas contadas por Jesus*. 350f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006.

JEREMIAS, J. *As Parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1986.

MAINGUENEAU, D. *Pragmática para o Discurso Literário*. São Paulo: Martins Fonte, 1996.

_____. *Novas Tendências em Análise de Discurso*. São Paulo: Pontes, 1997.

_____. *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, Ruth.(org.). *Imagens de Si no Discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

PARRET, H. *A Estética da Comunicação* (Além da Pragmática). Campinas: UNICAMP, 1997.

RECEBIDO EM 10/05/10 – APROVADO EM 08/07/10